

**CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE GÊNERO NA  
FALA DE UMA PACIENTE PSIQUIÁTRICA/ARTESÃ:  
EM BUSCA DA CURA PELO TRABALHO\***

LILIANA CABRAL BASTOS

(PUC-Rio)

MARIA TEREZA LOPES DANTAS

(PUC-Rio, IPUB-UFRJ)

**ABSTRACT**

In this paper we focus the identity construction of a psychiatric patient based on the narratives produced during research interviews. The analysis is developed from a social interactional approach to discourse that understands identity as a social and dynamic construction, and narratives as biographic performances.

In her talk, the patient focusses on her search for health and independence through engagement in work activities. This talk is simultaneously oriented by masculine and feminine stereotyped behaviors: at the same time that she gets strongly emotionally involved with the interviewer, in a typical feminine self disclosure process, she talks about how rational, independent and successful she is. It is in this tension that she constructs her identity as a healthful person, deconstructing the image of a psychiatric patient.

**INTRODUÇÃO**

Neste trabalho, analisamos o discurso de uma paciente psiquiátrica, a partir de relatos inseridos em duas entrevistas de pesquisa, realizadas no Instituto de Psiquiatria da UFRJ/IPUB. Essa paciente, que chamaremos de Dora<sup>1</sup>, tem o diagnóstico de transtorno bipolar de humor<sup>2</sup> e é atendida no ambulatório da instituição há 13 anos.

Nas narrativas estudadas, a narradora tematiza a busca de cura e independência pelo engajamento no trabalho. A construção de identidade de Dora será examinada a partir da análise de segmentos dessas narrativas, observando como a narradora se comporta discursivamente em relação à sua identidade de gênero. Estaremos nos perguntando que identidade está sendo indiciada nas atividades verbais e nos alinhamentos emergentes na interação.

---

\* Versões preliminares deste trabalho foram apresentadas em comunicações no XI Congresso da ASSEL- Rio, 2001, e no XVII Encontro Nacional da ANPOLL, 2002.

<sup>1</sup> O nome próprio da paciente assim como os nomes das pessoas e instituições a que ela se refere foram modificados de forma a resguardar a identidade das mesmas.

<sup>2</sup> Doença mental caracterizada por alternância de fases de grande euforia e de acentuada depressão.

# 1. IDENTIDADE, NARRATIVA E GÊNERO

## 1.1 Identidade e narrativa

A presente análise é desenvolvida a partir de uma perspectiva sócio-interacional do discurso (Shiffrin, 1994; Gumperz, 1982; Erickson e Schultz, 1982), que compreende a identidade como um fenômeno social, dinamicamente construído e reconstruído nas práticas discursivas cotidianas (Schiffrin, 1993, 1996; Giddens, 1991; Ochs, 1993; Erickson, 1996). Nessa ótica, o fenômeno identitário consiste num processo dinâmico e local de expor e interpretar posições sociais, afiliações, papéis, e sentimentos de subjetividade (Ochs, 1992, 1993), o que inclui a possibilidade de conflito entre essas diferentes exposições (Mishler, 1999). Acrescente-se que essa exposição dinâmica do eu (Goffman, 1959, 1967) é também compreendida como um ato performativo (Cameron, 1997), isto é, como o que fazemos ao expor o que somos, a cada momento da interação.

Para captar estas contínuas modificações nas interações, Goffman (1981) define a noção de alinhamento (*footing*) como mudanças de posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal (*projected self*) do participante de uma interação, em relação ao outro e a si mesmo na produção discursiva. Podemos, então, observar que, ao contar uma estória, o narrador muda seu alinhamento continuamente, ao posicionar-se para enunciar o que é relevante para seu ouvinte. Assim, ao contar uma estória, o narrador projeta-se pessoalmente a cada momento da narrativa, configurando várias “apresentações de eu” (Linde, 1993) durante este ato de narrar.

Para Giddens (1991), identidade pessoal não é um traço distintivo nem uma coleção de traços, mas sim o *self* compreendido pelo indivíduo em termos de sua biografia. A estabilidade do *self* é dada por um sentido de continuidade biográfica, vinculada à capacidade de uma pessoa de manter uma determinada narrativa se desenvolvendo. Segundo Giddens, essa continuidade narrativa é simultaneamente forte e frágil, pois, ao mesmo tempo que é possível mantê-la através de momentos de tensão e de transições, ela é apenas uma estória dentre outras possíveis.

Identidade e narrativa estão, assim, profunda e inevitavelmente ligados. Neste trabalho, os segmentos das narrativas de Dora serão analisados enquanto ‘atos biográficos’ (Bruner, 1990, 1991), ou como coloca Mishler (1999) enquanto ‘performances de identidade’. Segundo Mishler, “nós expressamos, mostramos, declaramos o que somos – e o que gostaríamos de ser - nas estórias que contamos e como as contamos. Em suma, nós desempenhamos nossas identidades” (Mishler 1999:19).

## 1.2 Identidade e gênero

Nas suas práticas sociais cotidianas, os indivíduos, entre outras coisas, se localizam em relação ao gênero, em relação a comportamentos e falas associadas com ‘ser homem’ e ‘ser mulher’.

Há normas sociais que regulam comportamentos masculinos e femininos, e práticas comunicativas e valores associados a esses comportamentos. É apropriado, por exemplo,

para uma mulher expressar emoções como tristeza, medo, vulnerabilidade, carinho, solidariedade, etc., enquanto que o homem deve mostrar controle emocional e frieza. Tais comportamentos estão necessariamente ligados às relações de poder: a mulher emocional é dominada pelo homem racional, ao qual só são permitidas emoções próprias do poder, tais como agressividade, triunfo, raiva e, às vezes, violência (cf. Lupton, 1998).

Esse elenco de comportamentos canônicos convivem, na nossa modernidade tardia, com o questionamento, a transformação, a fragmentação desses modelos (cf. Badinter, [1992]1993). Categorias de masculinidade e feminilidade são relacionalmente definidas, ao mesmo tempo que as fronteiras entre elas estão cada vez menos nítidas. Dicotomias freqüentemente usadas na caracterização de comportamentos sexualizados tais como emoção/razão, competição/cooperação, envolvimento/distanciamento estão se desfazendo. Assim, por um lado, a noção hegemônica de gênero orienta comportamento de homens e mulheres, o que significa que desempenhar masculinidade está associado ao desempenho do poder e que desempenhar feminilidade está associado à prática da submissão (Coates, 1998). Por outro lado, há a possibilidade de transgressão, subversão e resistência (Butler, [1993] 2000; Cameron, 1997) em relação ao discurso hegemônico, o que também faz co-existirem diferentes modelos de feminilidade e de masculinidade.

Esclarecemos, ainda, que, em consonância com a visão de gênero acima colocada, compreendemos gênero como “transformações sócio-culturais de categorias biológicas” (Ochs, 92), ou seja, em nossa análise estaremos mais interessados no que é socialmente praticado do que no que está “inscrito nos gens” (Lupton, 1998).

### **1.3 Identidade e gênero nos estudos sociolinguísticos**

As relações entre linguagem e gênero estão longe de ser claras, diretas, transparentes. São relativamente poucos os recursos linguísticos que indiciam diretamente gênero. Ao contrário, a indexação é mediada (Ochs, 1992, 1993) e relativa ao contexto (cf. Tannen, 1994). Não se trata, assim, de fazer um catálogo de correlações entre linguagem e gênero, mas sim de levantar que traços podem indicar que sentidos, e que sentidos são tipicamente associados a comportamentos masculinos e femininos (cf. Johnstone, 1993; Bastos, 1999). A complexidade da questão aumenta quando se considera que os sentidos são localmente co-construídos em encontros sociais específicos.

Tendo inicialmente um caráter nitidamente correlacionista, os estudos sociolinguísticos sobre gênero se mobilizam a seguir em torno da polêmica entre as perspectivas da diferença cultural e da diferença de poder entre homens e mulheres (cf. Coates, 1998; Meinhoff & Johnson, 1997; Tannen, 1999). No presente, os interesses se voltam para a análise da complexa relação entre certos modos de falar e agir e a produção de variados efeitos sexualizados de sentidos (cf. Cameron, 1997). Acrescenta-se a esse quadro, o interesse atual pela questão da masculinidade: inicialmente, tratava-se mais, sob inspiração das teóricas feministas, de problematizar a questão da opressão da mulher. Com a possibilidade de tematizar a masculinidade, enriqueceu-se e complexificou-se ainda mais o tratamento discursivo da questão do gênero.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS DADOS E PERCURSO ETNOGRÁFICO

As entrevistas analisadas neste trabalho foram realizadas no Instituto de Psiquiatria/IPUB (UFRJ), a partir da inserção da pesquisadora Maria Tereza L. Dantas<sup>3</sup> no Projeto Trabalho da Vida, desenvolvido na instituição. Este Projeto tem como objetivo a reintegração do paciente psiquiátrico à comunidade através do trabalho desenvolvido em Oficinas Terapêuticas, no Centro de Atenção Diária Luiz Cerqueira (CAD) do Instituto de Psiquiatria da UFRJ. É importante destacar que o IPUB abarca as novas tendências presentes na Saúde Mental e na Psiquiatria contemporâneas. A partir de um novo olhar sobre a doença mental e sobre os cuidados oferecidos aos pacientes, propõe-se uma prática clínica que busca ir além da caracterização do transtorno mental sofrido por estes indivíduos, voltando-se também para questões tais como a reinserção social do paciente e o entendimento de suas singularidades, através de projetos de pesquisa que ancoram a ampliação da clínica.

Em um primeiro momento, a pesquisadora acompanhou reuniões de pacientes e técnicos do Projeto Trabalho da Vida, nas quais eram discutidas questões sobre a rotina da instituição, em especial, o trabalho dos pacientes no Instituto. Em um segundo momento, junto aos profissionais integrantes deste Projeto, Tereza participou da primeira etapa da pesquisa implementada por eles, tendo como objetivo abordar e avaliar a questão do trabalho como estratégia de reinserção social do paciente psiquiátrico. Esta pesquisa de natureza qualitativa consistia em entrevistas gravadas em áudio, enfocando a estória de trabalho dos pacientes a partir do próprio discurso produzido por eles.

Ao entrevistar uma das pacientes, Dora, observou-se que as narrativas produzidas por ela revelavam uma grande complexidade. Os pacientes entrevistados relatavam, em geral, a repercussão negativa do adoecimento psíquico sobre suas vidas, expressando dificuldades para manter um trabalho remunerado e/ou estabilidade nos vínculos com amigos e família e solicitando soluções para tais questões ou procedimentos técnicos diante daquelas situações. As narrativas desses pacientes confirmam o que Goffman (1961: 24) denominou como a expressão da desfiguração do indivíduo em várias esferas de sua vida a partir da “carreira de doença mental”. Estas falas também refletiam o que Hamilton (1996) descreveu como construção de identidade de paciente, isto é, o indivíduo adoecido relata e queixa-se de problemas de sua saúde mental e física e pede assistência aos profissionais envolvidos com ele, caracterizando uma grande dependência. No entanto, Dora revelou uma identidade diferenciada daquela acima descrita. Durante as entrevistas, ela relatou como a experiência de seu adoecimento foi fundamental para descobrir um novo caminho profissional através da arte e, com isso, estabelecer novos vínculos com uma maior independência. Observaremos, na análise dos dados, como estes aspectos, expressos por Dora como ganhos derivados da sua vivência da doença mental, podem ser associados a atributos culturalmente relacionados ao universo masculino.

---

<sup>3</sup> A autora participou do Projeto Trabalho da Vida para sua pesquisa de mestrado (Lopes Dantas, 2000).

Dora é paciente do Instituto, desde 1989, e participa do Projeto de reintegração como monitora de uma oficina de atividades artísticas do Hospital. Além disso, ela atua fora da instituição vendendo seus trabalhos (aquarelas, cartões) em uma Feira de Artesanato. Ao lado dessas atividades, continua sendo atendida no ambulatório do instituto, recebendo tratamento para o distúrbio mental, do qual é portadora: o transtorno bipolar de humor. É importante destacar que Dora não apresenta sintomas severos do distúrbio psíquico desde 1992.

Ao longo das entrevistas, Dora percorre, em seus relatos, um longo caminho na reconstrução de seu mundo, observando como a sua experiência como artesã foi fundamental para a sua recuperação e para o retorno a um convívio social mais amplo.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

#### 3.1 A primeira entrevista

Como acima colocado, neste trabalho analisamos segmentos das narrativas de Dora, relatadas em duas entrevistas de pesquisa. Na primeira entrevista, Dora fala de seu trabalho, anterior à crise. Conta como a morte de seu sobrinho, ainda bebê, foi o motivo de seu adoecimento e o processo de recuperação pelo trabalho com a arte.

Dora assume durante toda essa entrevista o papel de provedora de sua família, de profissional competente antes e depois da crise. O seu foco principal recai sobre as conquistas que obtém em uma esfera pública: o sucesso profissional. Até mesmo seu processo de cura é narrado a partir do seu processo de re-inserção social através do trabalho.

No exemplo a seguir, vemos como Dora remete a comportamentos associados ao modelo do homem tradicional, ao enunciar sua capacidade de prover, de resolver problemas sérios, expressando também emoções como raiva.

#### **A PROVIDORA**

**Dora:**     a:: o::... eu tenho uma irmã que ela tem MUIto problema, MUIto problema mesmo ... na ocasião ela teve foi em oitenta e- oitenta e seis ela teve filhos gêmeos, ela não tinha pra onde ir, aí eu paguei pra minha tia ficar tomando conta dela e: ela ficou só um mês porque este companheiro que ela arranjou era MUIto louco, ele começou a espancar os filhos dela bebezinho ... então aquilo eu fui ficando MUIto tensa com MUIto ódio eu já tava pensando em matar esse sujeito que eu não admitia que ele batesse nas crianças.

**Tereza:**   / sei /

**Dora:**     eu fui ficando muito nervosa ... quando chegou um dia eu não aguentei mais, eu eu eu não aguentava mais porque eu tinha que fazer tudo, eu trabalhava muito, eu tinha que sair pra comprar leite pros meninos que ela não tinha leite ... não dava leite pros bebês, eu saía, eu ia na farmácia, eu eu comprava leite.

No segmento apresentado, Dora estabelece o alinhamento de responsável pela organização familiar: é ela quem paga para a tia cuidar dos sobrinhos, quem trabalha para garantir o sustento da irmã e dos sobrinhos. Observa-se o uso repetido do pronome pessoal “eu” demarcando a ênfase em sua responsabilidade sobre aquele universo familiar: “eu eu eu não aguentava mais porque eu tinha que fazer tudo, eu trabalhava muito, eu tinha que sair pra comprar leite pros meninos que ela não tinha leite ... não dava leite pros bebês, eu saía, eu ia na farmácia, eu eu comprava leite”.

Dora relata emoções atribuídas ao universo feminino como tensão e nervosismo (Lupton, 1998), intensificando-as através do recurso da repetição de “MUIto”, expressando:

- a) a gravidade da situação da irmã (“ela tem MUIto problema MUIto problema mesmo”)
- b) a atitude violenta do cunhado ao espancar os filhos, o que a faz considerá-lo “louco” (“MUIto louco”)
- c) o estado de tensão e de revolta provocados por tal situação (“MUIto tensa com MUIto ódio”)

Observa-se também que “MUIto” é enunciado com entonação marcada, o que intensifica ainda mais o impacto sobre a ouvinte (cf Bastos, 1993). Podemos perceber também que a narradora utiliza tal recurso para enfatizar:

- a) a desqualificação da figura masculina em sua estória: o cunhado é descrito como “muito louco”, agressivo e completamente descontrolado (“espancava os bebezinhos”).
- b) a capacidade de Dora gerenciar a sua tensão, por mais intensa que esta fosse e por mais violenta que se configurasse a situação na qual vivia: o adoecimento da irmã, a revolta com o espancamento de seus sobrinhos.

Assim, observamos, através destes recursos lingüísticos e paralingüísticos, como Dora constrói sua identidade de provedora, sinalizando a sua capacidade de gerenciar estas situações de conflito, ao mesmo tempo que, apresenta, em seu relato, a figura masculina como incapaz de ser responsável e ser o provedor.

É importante destacar que Dora não assume, nesta constelação familiar, papéis tipicamente femininos (Tannen, 1990), como o de ter e cuidar de crianças. Estes são exercidos por outras mulheres: a tia e a irmã.

No próximo segmento, podemos observar melhor a importância do trabalho na construção da identidade de Dora. Veremos como ela utiliza estratégias associadas à atividade “relatar sucesso profissional” que, por sua vez, estão associadas ao universo masculino, a atributos e valores como razão, controle, independência, coragem, ousadia, competência (cf. Lupton, 1998; Johnstone, 1993).

## **A PROFISSIONAL COMPETENTE**

- Dora:** =essa foi a primeira experiência que eu tive .. eu trabalhava como auxiliar de escritório, depois eu fui melhorando e fiz um serviço é: mais complexo.
- Tereza:** hum, hum.
- Dora:** aí, essa minha firma que eu trabalhava, a Escania, que- a Escania subsidiária da Eletrônica ela consertava aparelhos pra hotéis Ômega .. para os 

hotéis.
sei.
- Tereza:**
- Dora:** aspirador de pó, então, enceradeira, então quando a Eletrônica aqui no Rio ia fechar, eu perguntei ao se eles num tavam precisando de uma pessoa .. e tava. eu fui lá, fiz o teste, passei, então ingressei no hotéis Ômega, onde eu fiquei durante 16 anos.
- Tereza:** e lá, trabalhava.=
- Dora:** =lá eu trabalhei como compradora. quer dizer eu mal entrei como compradora, eu entrei, na ocasião como auxiliar de escritório... lá eles eram MUito rigorosos, sabe ? assim, você tinha que ter competência para ficar.
- Tereza:** hum.
- Dora:** e eu sempre fui muito curiosa, queria aprender, eu queria mesmo fazer compras, eu não queria fica ali, fazendo ( ), batendo à máquina.

No trecho apresentado, Dora relata o início de sua vida profissional, período anterior ao seu adoecimento psíquico. Ela fala de suas conquistas profissionais (“depois eu fui melhorando e fiz um serviço é mais complexo”). É importante observar como Dora vai assumindo e expressando uma identidade marcada por características socialmente positivas: empenho em crescer profissionalmente, habilidade para exercer funções mais complexas, curiosidade e vontade de aprender. Dora enfatiza a imagem do eu que não se abate diante de um grande momento de tensão, como o fechamento da firma, e que vence socialmente em seu trabalho. Através da apresentação da seqüência de ações “fiz o teste, passei e ingressei no Hotéis Ômega”, Dora valoriza seu desempenho profissional.

Essa valorização do sucesso profissional e os recursos lingüísticos disponíveis (incluindo a organização retórica da fala) para falar desse sucesso são tradicionalmente associados à masculinidade (cf. Tannen, 1990). Observe-se também que Dora é extremamente hábil na construção de sua imagem positiva: ela utiliza a indiretividade para remeter à sua competência: ela não afirma “sou competente”, mas coloca “lá eles eram Muito rigorosos, sabe? Assim, você tinha que ter competência para ficar.”

Através dessa performance identitária, que inclui atributos socialmente tão positivamente avaliados, ela vai se afastando da identidade social de paciente psiquiátrico (Goffman, 1961), caracterizado como incapaz de cuidar de si mesmo e ter autonomia.

No próximo segmento podemos observar como Dora define saúde e doença a partir da oposição ócio e trabalho. O trabalho, em consonância com nosso sistema cultural, é tomado como um valor inquestionável, quase sagrado. O esforço de Dora de 'ser como todo mundo' (cf. Sacks, 1984) inclui também louvar o trabalho, como todo mundo.

### **A CURA PELO TRABALHO**

**Dora:** eu sempre acreditei que ia ficar, não digo boa porque eu acho que loucura ... nem tem cura também ... mas acho que a gente pode levar até uma vida normal .. e era isso que eu queria levar, uma vida igual a todo mundo. e o trabalho foi muito importante sem dúvida. eu acho que o homem e o trabalho são coisas inseparáveis. o homem que não trabalha, ou ele enlouquece (risos), quer dizer, eu enlouqueci por conta de problemas SÉRIOS.

**Tereza:** =sim.=

**Dora:** =mas através do trabalho eu me resgatei como ser humano também, não tenho dúvida, quer dizer, fazendo uma coisa que eu **adoro** fazer.

**Tereza:** hum, hum.

**Dora:** podia ser qualquer coisa, mas uma coisa **que eu gostasse** de fazer ... o homem não, não pode viver sem o trabalho.=

**Tereza:** =pelo trabalho que dá prazer.

Neste segmento, observa-se como, para Dora, o trabalho foi responsável pelo processo de resgate de sua saúde e revitalização de sua existência, o que é manifesto nas elocuições: "o homem e o trabalho são coisas inseparáveis" e "através do trabalho eu me resgatei como ser humano também não tenho dúvida, quer dizer, fazendo uma coisa que eu **adoro** fazer.". Dora redefine-se através da fala sobre a atividade que exercê. Nessa redefinição, nessa construção de identidade de pessoa 'normal', comum (não louca), se expressa sua habilidade de se apropriar do discurso da saúde mental, que funciona também construindo poder através do conhecimento do que está acontecendo. Sua "psicologia popular" (ver Bruner, 1990) é bastante clichê, mas eficiente.

Assim, em sintonia com o estereótipo masculino, seu relato é o de uma trajetória de sucesso, de uma pessoa 'racional', que vence no que controla sua doença, seu trabalho, sua família, e não o relato da mulher emocional e frágil, que tipicamente narra histórias de desastres e fracassos (cf. Johnstone, 1993).

No entanto, nesta mesma primeira entrevista, o discurso marcadamente masculino de Dora ocorre numa dinâmica interacional marcada pela feminilidade. Tereza e Dora estão sempre, reciprocamente, se avaliando positivamente, construindo solidariedade (cf. Shiffrin, 1993). A fala de Dora tem marcas femininas como a voz suave, 'mansa', ritmo pausado, tom agudo (Coulthard, 1991). A história de vida/trabalho de Dora (esperada nesse contexto) adquire por vezes um tom bastante emotivo e confessional, com momentos de grande envolvimento e cumplicidade, remetendo a aspectos do universo culturalmente definido como feminino, tais como a expressão da tristeza, dor, impotência.

A seguir, veremos como a construção de conexões emocionais, ou o envolvimento nos termos de Tannen (1989), entre entrevistadora e entrevistada são gradativamente engendrados na interação:

### **ENVOLVIMENTO ENTRE DORA E TEREZA**

- Dora:** então aquilo ... falar é difícil.
- Tereza:** / é muito difícil, [chorando]  
[né Dora?/
- Dora:** [muito difícil muito difícil.  
[chorando e cobrindo o rosto com as mãos]
- Tereza:** /muita dor./
- Dora:** **muita** dor até porque eu sou uma pessoa que EU DETESTO violência é HORRÍVEL meu Deus isso ( ) o bebê morreu então- aí- deixa eu me controla-  
[chorando e esfregando as mãos no rosto]
- Tereza:** [ai.  
[a gente chora junta ( ) não tem problema.  
[colocando as mãos sobre a mesa]

Neste segmento, Dora narra a morte do bebê, expressando sua dificuldade em falar sobre esta situação (“então aquilo ... falar é difícil”) e chora. Ela revive na narrativa, a dor gerada pela estória do espancamento e morte do bebê, expressando isso tanto no nível verbal quanto no não-verbal, através do choro. Logo a pesquisadora ratifica e complementa com “/é muito difícil, né Dora?/”, em tom de voz baixo e repetindo a palavra “difícil”, enfatizando esse aspecto. Dora sobrepõe sua fala a este último turno, repetindo: “muito difícil muito difícil mui:to”.

Com isto observa-se o alto envolvimento neste momento da interação, quando as participantes repetem mutuamente suas falas, isto é, uma repete as palavras da outra. Dora mostra novamente, através do choro e cobrindo o rosto com as mãos, sua emoção e sua dor. A seguir, Tereza diz: “/muita dor/”, construindo com Dora o relato ao repetir o que esta havia dito. Em seguida, Dora inicia com “muita dor” utilizando a repetição e usa entoação marcada em “EU DETESTO violência é HORRÍVEL” mostrando com ênfase sua repulsa aos fatos. Ao final deste mesmo turno a narradora tenta se controlar e continua sinalizando seu desespero através de gestos, esfregando as mãos no rosto. A pesquisadora alinha-se a Dora e afirma: “nada a gente chora junta( ) não tem problema.”, o que é reforçado pelo comportamento não verbal (“[esticando os braços sobre a mesa em direção a Dora]”), demonstrando aproximação e envolvimento. No final desta série de sobreposições de turnos, Dora repete “é mui:to difícil”, o que é ratificado por Tereza no turno seguinte (“é”). Dora responde a este movimento de aproximação em uma sinalização de natureza não verbal, colocando também suas mãos sobre a mesa. Pode-se observar através das pistas linguísticas, paralinguísticas (a exemplo, tom de voz marcando ênfases) e não verbais (gestos das participantes), o contínuo e gradativo envolvimento entre entrevistada e entrevistadora nesta narrativa.

Nos segmentos anteriores, Dora se apresenta através do controle e da afirmação da responsabilidade acima de qualquer vulnerabilidade: mesmo adoecendo, responsabilizava-se pela irmã e sobrinhos. Neste momento há uma mudança de alinhamento. Em lugar da fluência da contadora de estórias, a fala torna-se difícil, vem o choro. Diante dessa mudança, a entrevistadora sugere: “a gente chora junta”.

Este segmento revela uma interação fortemente marcada pelo envolvimento emocional entre Dora e a entrevistadora. Interações como essa têm sido analisadas como tipicamente femininas (Tannen, 1990). No entanto, essa manifestação de emoção de Dora também acontece dentro de certas limitações. Dora chora declarando que quer se controlar e escondendo o rosto. Podemos, então, observar que Dora constrói sua identidade nesta tensão: no âmbito da cumplicidade feminina estabelecida entre paciente e pesquisadora, instaura-se uma fala que indicia o universo masculino.

Na segunda entrevista, Dora estabelece uma apresentação do ‘eu’ mais próxima de uma prática performativa feminina, sem, no entanto, abandonar a idéia de trabalho como valor fundamental em sua vida – o que é tipicamente observado como uma performance de um ‘eu’ masculino.

### 3.2 A segunda entrevista

Dora traz para essa segunda entrevista de pesquisa um conjunto de objetos criados por ela: paisagens pintadas em conchinhas, fotografias de seus quadros, desenhos, aquarelas e cartões. Ao longo da entrevista ela vai selecionando e mostrando os diversos objetos que a auxiliam na construção de um cenário pictórico propício para a apresentação e manutenção da imagem do eu projetada de profissional competente. Através dessas criações, Dora também vai estabelecendo cumplicidade com a entrevistadora ao falar dos sentimentos, emoções e impressões que tais objetos representam. Ao indiciar emoções como alegria, tristeza, solidão, ao remeter à sua vida amorosa, o que não é mencionado na primeira entrevista, ao mostrar fotografias de sua casa, Dora abre o universo feminino.

No segmento abaixo, Dora relata que, em certa época, gostava de desenhar mulheres.

#### **A MULHER TRISTE**

- Dora: =é, aqui eu já tava isso aqui já é ( ) **desenhava mulheres...**  
[mostrando um desenho de mulher]
- Tereza: essa, essa mulher é-?  
[apontando para o desenho]
- Dora: essa mulher ela tá triste, né?
- Tereza: ela tá triste?
- Dora: é, tem umas que tão tristes, tem outras que estão alegres, outras que tão...
- Tereza: =mas são pessoas que você conhece ou que você...
- Dora: é, eu olhava assim e fazia. Eu tenho essa facilidade de olhar as coisas e passar, né? às vezes eu até invento também, mas quando olho=
- Tereza: essa é uma foto?

- Dora: é, é. essa aqui é=  
 Tereza: =quer dizer, é uma foto que você olhou e começou a reproduzir?  
 Dora: é, eu acho que tava muito solitária nessa época, que eu gostava de fazer essa, eu achava assim, que ela tava solitária mesmo, né? acho que era um momento meu de muita solidão.

Neste segmento, Dora introduz o tópico “mulheres” para mostrar os desenhos que havia feito. Comenta, então: “essa mulher ela tá triste, né”. A partir desta observação, a entrevistada constrói a oposição entre tristeza e alegria nas mulheres que retrata. Ao contar como observa este mundo externo e tenta retratá-lo (“eu tenho essa facilidade de olhar as coisas e passar, né?”), Dora vai se aproximando, através de sua criação, de seu próprio universo, do mundo interno que também expressa em seu trabalho: “às vezes eu até invento também”. Com isso, Dora faz a junção entre a realidade circundante retratada e seu mundo emocional: “eu acho que tava muito solitária nessa época, que eu gostava de fazer essa, eu achava assim, que ela tava solitária mesmo, né? acho que era um momento meu de muita solidão”.

Assim, ao falar de seu desenho, Dora conta que, tal como a moça retratada, ela se sentia “muito solitária”. Nota-se que há uma mudança de alinhamento da narradora em relação ao seu trabalho: ao invés de enfatizar conquistas através de sua produção, Dora fala de suas vulnerabilidades. A tristeza e a solidão estão mais associadas ao universo feminino (Lupton, 1998). Essa abertura de afetos, no entanto, acontece sempre dentro de certos limites: Dora fala de sua solidão, mostrando o controle que tem sobre ela. Constrói uma relação lógica entre sua arte e suas vulnerabilidades. Ela não revela dor ou tristeza ao falar da solidão, mas constrói um pensamento reflexivo sobre seus sentimentos e a expressão destes em seus desenhos. Ao invés de deixar-se invadir pela solidão, a narradora mostra como através de sua arte consegue se distanciar desta dor.

No segmento a seguir, vemos como Dora se alinha com a entrevistadora, construindo cumplicidade e envolvimento:

### ***O PRESENTE***

- Dora: depois você pode escolher um desse aí pra você  
 [apontando para desenhos colocados sobre a mesa]
- Tereza: a não, eu não, você é que vai [escolher.
- Dora: [a:h
- Tereza: pra mim, não você é que vai escolher
- Dora: [a:h Tereza.
- Tereza: [claro, você é que vai escolher pra mim.
- Dora: você não quer escolher não? bom, como você é mulher, e eu sou mulher também vou te dar uma mulher, você tem filhos, é casada ou é solteira?
- Tereza: Solteira
- Dora: é jovem ainda ... vou te dar um que: ó!  
 [pegando um desenho]
- Tereza: ah, esse ... é lindo, essa moça-
- Dora: ela passa uma calma, uma paz, né? eu gosto do semblante dela também

- Tereza:** ai, muito bonita!
- Dora:** Tão ( ), não gosta?
- Tereza:** adorei, adorei, ela é muito bonita, passa uma tranquilidade, né?
- Dora:** é, eu também acho. eu sou assim agitada, mas no fundo eu também acho que eu tenho esse negócio de calma, né? eu estou falando de coisas minhas nem tô falando do trabalho, né Tereza?

Ao mostrar os desenhos que havia feito após sua recuperação, Dora oferece um deles como presente para a entrevistadora. Esse momento é marcado por alinhamentos de maior simetria entre Dora e Tereza: a entrevistada pede à pesquisadora que escolha o seu próprio presente e esta se esquivava enfaticamente (“a não, eu não, você é que vai escolher”), solicitando que Dora aponte qual desenho deseja oferecer. Podemos observar que através deste estabelecimento de um diálogo simétrico, Dora e Tereza vão projetando-se na interação a partir de um comportamento de cortesia e gentilezas.

A seguir, Dora aproxima-se mais de Tereza, em um alinhamento de maior intimidade com a entrevistadora, passando a fazer perguntas de cunho pessoal para esta. Observamos novamente que, em lugar da assimetria típica de uma entrevista de pesquisa, há um crescente grau de simetria na conversa entre as duas: Tereza responde à pergunta de Dora dizendo que é solteira, Dora comenta que a pesquisadora é “jovem”. Segue, então, a conversa sobre o desenho de mulher que está sendo oferecido, como tendo um “semblante” calmo. Através da figura desenhada, Dora fala de si mesma: “eu sou assim agitada, mas no fundo eu também acho que eu tenho esse negócio de calma”. O controle da abertura emocional aqui emerge com a avaliação de Dora que já não está falando de trabalho mas de “coisas suas”. Como no segmento anterior, encontramos a junção entre os mundos externo e interno: a imagem de ‘eu’ constituída por Dora deixa de ser prioritariamente construída a partir de aspectos de uma esfera pública (“trabalho”), passando a incluir elementos (“coisas minhas”) da esfera privada. Por outro lado, a restrição ao privado permanece através do controle que Dora exerce sobre seus sentimentos e estados internos, a partir de reflexões, na busca de um sentido lógico para emoções opostas: “eu sou assim agitada, mas no fundo eu também acho que eu tenho esse negócio de calma, né?”

Vimos, assim, que, nessa segunda entrevista, há uma mudança de dinâmica, estabelecendo-se uma interação mais simétrica, na qual os alinhamentos das participantes apontam para uma maior proximidade, o que é observado a partir dos tópicos de natureza pessoal que passam a ser trazidos tanto por Dora quanto pela entrevistadora. Essa nova dinâmica interacional continua a ser marcada pelo controle da exposição de afetos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, observamos como a paciente psiquiátrica Dora constrói sua identidade a partir de práticas discursivas femininas e masculinas. Se, na primeira entrevista, Dora apresenta-se a partir de atributos tais como independência, autonomia,

capacidade de produção, na segunda entrevista, ela revela, através de seu trabalho, emoções e impressões mais íntimas. Nas duas entrevistas, as participantes mantêm uma interação marcada pela solidariedade e cooperação, sendo que, na segunda, os laços de complexidade parecem se estreitar.

No primeiro encontro, ao utilizar práticas discursivas masculinas, marcadas pela ênfase em sua capacidade de produção e autonomia, Dora rompe com a imagem de paciente psiquiátrico descrita pela literatura e pelo próprio senso comum, imagem esta caracterizada pela incapacidade de produzir e de se manter independente. Dora desconstrói o estigma de “louco” através de uma performance de poder/saber, que é prioritariamente associada à masculinidade.

Após este primeiro momento, já na segunda entrevista, Dora pode apresentar-se com novos atributos, utilizando mais amplamente uma prática discursiva feminina e introduzindo sentimentos de solidão, tristeza, oscilação entre agitação e calma, sem que suas vulnerabilidades sejam identificadas com sua patologia psiquiátrica.

### Convenções de Transcrição

Símbolo	Especificação
..	Pausa observada ou quebra no ritmo de fala com menos de meio Segundo
...	Pausa observada de meio segundo ou mais
.	Descida leve, sinalizando final da elocução
?	Subida rápida, sinalizando uma interrogação
,	Subida leve, sinalizando que mais fala virá
( )	Fala não compreendida
sublinhado	Ênfase
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase
/palavras/	Fala em voz baixa
-	Parada súbita
: ou ::	Alongamento de vogal
=	Duas elocuições relacionadas por = indicando que não há pausa entre as Falas
[	Duas elocuições ligadas por este sinal indicando sobreposição de falas

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. (1993). *XY. Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1992].

- BASTOS, Liliana Cabral. 1999. Histórias de Mulheres e de Homens: narrativa, sexo e construção de identidade. *The ESpecialist* (PUC-São Paulo)20 (1): 17-29.
- BRUNER, Jerome. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge, Harvard university Press.
- BRUNER, Jerome & WEISSER, Susan. (1995). A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. In OLSON, David e Nancy TORRANCE. *Cultura Escrita e Oralidade*. São Paulo, Ática, [1991].
- BUTLER, Judith. (2000). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes. (org). *O Corpo Educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica.
- CAMERON, Deborah. (1997). Performing Gender Identity: Young men's talk and the Construction of Heterosexual Masculinity. In MEINHOF, Ulrike Hanna; Sally JOHNSON (orgs.). *Language and Masculinity*. Oxford, Blackwell.
- COATES, Jennifer. (1998). (org.). Introduction. *Language and Gender. A reader*. Oxford, Blackwell.
- COULTHARD, Malcolm. (1991). *Linguagem e Sexo*. São Paulo, Ática.
- ERICKSON, Frederick & SHULTZ, J. (1992). *The counselor as gatekeeper: social interaction in interviews*. New York, Academic Press.
- GIDDENS, Anthony. (1991). *Modernity and Self-Identity. Self and Society in Late Modern Age*. Stanford, Stanford Univeristy Press.
- GOFFMAN, Erving. (1989). *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes, [1959].  
 \_\_\_\_\_. (1961). *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- GUMPERZ, John J. (1982). *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University.
- JOHNSTONE, Barbara. (1993). Community and Contest: midwesterners men and women creating their worlds in conversational story-telling. In: TANNEN, Deborah (org.). *Gender and conversational interaction*. Oxford, Oxford University Press.
- LOPES DANTAS, Maria Tereza. (2000). *Redesenhando Estórias: Estratégias discursivas e construção de identidade nas narrativas de uma paciente psiquiátrica*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras da PUC-RJ.
- LUPTON, Deborah. (1998). "The 'emotional woman' and the 'unemotional man'". In: *The Emotional Self*. London: Sage.
- MISHLER, Elliot. (1999). *Storylines. Craftartists' narratives of identity*. Cambridge, Harvard Univeristy Press.
- OCHS, Elinor. (1992). Indexing Gender. In DURANTI, Alessandro; Charles GOODWIN, *Rethinking Context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge, Cambridge Univeristy Press.  
 \_\_\_\_\_. (1993) "Constructiong Social Identity: a language socialization perspective". *Research on Language and Social Interaction*, 26 (3): 287-306.
- SACKS, Harvey. (1984). "On doing 'being ordinary'". In: ATKINSON, J. M.; J. HERITAGE (orgs) *Structures of social action. Studies in conversational analysis*. Cambridge, Cambridge University Press.

- SCHIFFRIN, Deborah. (1993). "Speaking for Another" in Sociolinguistic Interviews: alignments, identities, and frames" In: D. Tannen (ed) *Framing in Discourse*, 231-263. New York/Oxford: Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. (1994). Interactional sociolinguistics. In *Approaches to discourse*. Cambridge, Blackwell.
- \_\_\_\_\_. (1996). "Narrative as self-portrait: sociolinguistic construction of identity". *Language in Society* 25 (2): 167-203.
- TANNEN, Deborah. (1990). *You just don't understand. Women and men in conversation*. New York, William Morrow.
- \_\_\_\_\_. (1994). *Gender and discourse*. Oxford, Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. (1999). "The display of (gendered) identities in talk at work". In: BUCHOLTZ, Mary; A. C. LIANG; L. A. SUTTON (orgs). *Reinventing identities. The gendered self in discourse*. New York, Oxford, Oxford University Press.